

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

VERBO

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3

S.L. 02.009.0 12 12

Biblos

Enciclopédia
VERBO
das Literaturas
de Língua Portuguesa

3



309325-D

VERBO

NC-x6901984c8

*Edição realizada
sob o patrocínio da*
SOCIEDADE CIENTÍFICA
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Direcção

JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

ANÍBAL PINTO DE CASTRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

MARIA DE LOURDES A. FERRAZ
(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)

GLADSTONE CHAVES DE MELO
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)

MARIA APARECIDA RIBEIRO
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)

Secretaria-Geral

A cargo do
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo
sob a direcção de João Bigotte Chorão

COLABORADORES DO TERCEIRO VOLUME

- Dra. Graça Abranches*
Prof. Doutor Cláudio Aguiar
Prof.^a Doutora Melânia Silva de Aguiar
Prof. Doutor Fernando Aires
Prof. Doutor Carlos d'Alge
Dra. Ana Cristina Almeida
Dra. Isabel Almeida
Dr. Nelson de Almeida
Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida
Dra. Eloísa Álvarez
Dra. Lizir Arcanjo Alves
Prof. Doutor Fernando Pinto do Amaral
Dra. Marta Teixeira Anacleto
Prof. Doutor Carlos Ascenso André
Prof. Doutor Artur Anselmo
Dra. Gabriela Antunes
Dra. Sara Manuela R. M. Augusto
Prof. Doutor Sânzio de Azevedo
Prof. Doutor José Oliveira Barata
Prof. Doutor José Carlos Barcellos
Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes
Prof.^a Doutora Élvia Bezerra
Prof.^a Doutora Maria Cecília Boechat
Dra. Maria João Borges
Prof.^a Doutora M.^a Luísa Malato Borralho
Prof. Doutor Roberto de Oliveira Brandão
Prof.^a Doutora Ruth Silviano Brandão
Prof.^a Doutora Sónia Brayner
Prof.^a Doutora Helena Carvalhão Buescu
Prof.^a Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu
Dr. José Camões
Prof. Doutor Alberto Carvalho
Prof.^a Doutora Ana Maria de Bulhões Carvalho
- Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro*
Prof. Doutor Vilares Cepeda
Prof. Doutor Guilhermino César
Prof.^a Doutora Ana Cristina Chiara
Dra. Eliana Chiossi
Dr. João Bigotte Chorão
Dr. Jorge Colaço
Prof.^a Doutora Cristina Robalo Cordeiro
Dra. Ângela Correia
Dr. Joaquim Correia
Leonel Cosme
Prof.^a Doutora Vilma Costa
Dra. Fernanda Coutinho
Dr. Duarte Ivo Cruz
Prof.^a Doutora Neyde Vieira da Cunha
Dr. Pedro Balau Custódio
Prof.^a Doutora Lucília de Almeida N. Delgado
Prof.^a Doutora Ângela Maria Dias
Dra. Ana Teresa Diogo
Prof. Doutor Américo António Lindeza Diogo
Dra. Rita Taborda Duarte
Prof. Doutor Adriano Espínola
Prof.^a Doutora Sónia Lúcia Ramalho de Farias
Prof. Doutor António M. Feijó
Dr. Goiamérico Felício
Prof.^a Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz
Prof. Doutor Pere Ferré
Dra. Maria Ema Tarracha Ferreira
Dra. Maria do Rosário Ferreira Serafim Ferreira
Dr. Manuel Ferro
Dr. Albano Figueiredo
Prof.^a Doutora Vera Follain de Figueiredo
Prof. Doutor João Almeida Flor
Dra. Ana Margarida Fonseca

Dr. Edson Nery da Fonseca
Prof.^a Doutora Fernanda Irene Fonseca
Dra. Maria do Céu Fraga
Prof. Doutor António Cândido Franco
Prof. Doutor Manuel da Costa Freitas
Prof.^a Doutora Celina Fontenele Garcia
Dr. Mário Garcia
Prof. Doutor Armando Gens
Prof.^a Doutora Rosa Gens
Prof. Doutor Sérgio Martagão Gesteira
Dr. Paulo J. Pedrosa S. Gomes
Jesué Pinharanda Gomes
Prof. Doutor Renato Cordeiro Gomes
Prof.^a Doutora Elsa Gonçalves
Dra. Henriqueta Maia Gonçalves
Prof.^a Doutora Rosa Maria Goulart
Prof.^a Doutora Pilar Lorenzo Gradín
Doutor Fernando Guedes
Dr. Fernando Guimarães
Prof. Doutor Manuel Gusmão
Prof. Doutor João Adolfo Hansen
Prof.^a Doutora Ana Hatherly
Dr. Mário Hélio
Dr. Eduíno de Jesus
Prof.^a Doutora Maria Saraiva de Jesus
Prof. Doutor Nuno Júdice
Prof. Doutor Milton Marques Júnior
Prof. Doutor Luís Tavares Júnior
Prof. Doutor Luís Krus
Prof.^a Doutora Cristina Mello
Laranjeira
Prof. Doutor José Luís Pires Laranjeira
Prof. Doutor Cláudio Murilo Leal
Prof.^a Doutora Maria Lúcia Lepecki
Prof. Doutor Eugénio Lisboa
Prof.^a Doutora Ana Cristina Macário
Lopes
Dra. Silvina Rodrigues Lopes
Dr. António Apolinário Lourenço
Prof. Doutor Álvaro Manuel Machado
Dra. Ana Maria Machado
Prof.^a Doutora Letícia Malard
Prof.^a Doutora Rita Marnoto
Prof. Doutor João Francisco Marques
Dra. Teresa Martins Marques
Prof.^a Doutora Ana Maria
Mão-de-Ferro Martinho
Prof. Doutor Fernando J. B. Martinho
Dr. J. Cândido Martins
Dra. Inocência Mata
Prof.^a Doutora Maria Vitalina Leal de
Matos
Prof. Doutor Walter de Medeiros
Dra. Maria José Meira

Prof. Doutor Gladstone Chaves de
Melo
Prof.^a Doutora Dulce Mindlin
Prof.^a Doutora Maria Teresa Delgado
Mingocho
Dr. José Américo Miranda
Prof. Doutor João Gouveia Monteiro
Prof.^a Doutora Ofélia Paiva Monteiro
Vera L. A. Morais
Prof.^a Doutora Paula Morão
Prof.^a Doutora Fátima Freitas Morna
Dra. Isabel Morujão
Dr. Murilo Marcondes de Moura
Dra. Rita Moutinho
Prof. Doutor Aires A. Nascimento
Prof.^a Doutora M. Terezinha M. do
Nascimento
Dr. Júlio Taborda Azevedo Nogueira
Dra. Lucila Nogueira
Dra. Virgínia de Carvalho Nunes
Dr. A. de Oliveira
Dr. Fernando M. Oliveira
Dr. José Manuel Oliveira
Dr. Paulo F. Motta Oliveira
Dra. Maria Cristina Pacheco
Prof.^a Doutora Laura Cavalcante
Padilha
Dr. José Rodrigues de Paiva
Prof.^a Doutora Rosário Santana Paixão
Prof.^a Doutora Sylvia Paixão
Dra. Carme Villarino Pardo
Prof. Doutor J. Almeida Pavão
Dr. Sérgio Alves Peixoto
Dr. J. C. Seabra Pereira
Prof.^a Doutora M. H. Rocha Pereira
Dr. Paulo J. Silva Pereira
Dr. Abílio Perfeito
Dra. Maria da Graça Pericão
Prof. Doutor Sebastião T. de Pinho
Prof. Doutor José Alves Pires
Prof.^a Doutora Maria Lucília Gonçalves
Pires
Dra. Maria da Natividade Pires
Prof. Doutor António Pedro Pita
Prof. Doutor Francisco Salinas Portugal
Prof. Doutor A. Costa Ramalho
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo
Prof. Doutor Carlos Reis
Prof.^a Doutora M. Luíza Ritzel
Remédios
Prof.^a Doutora Beatriz Resende
Prof.^a Doutora Cristina Almeida
Ribeiro
Prof.^a Doutora Maria Aparecida Ribeiro
Prof.^a Doutora Clara Rocha

Prof.^a Doutora Maria Isabel Rocheta
Prof. Doutor Ernesto Rodrigues
Prof. Doutor Urbano Tavares
Rodrigues
Prof. Doutor José Luís Rodríguez
Prof. Doutor Lourenço do Rosário
Prof. Doutor Gustavo Rubim
Prof.^a Doutora Maria das Graças
Moreira de Sá
Paulo Samuel
Dra. Maria Helena Santana
Prof.^a Doutora Maria Eduarda Borges
dos Santos
Dra. Maria Helena Duarte Santos
Dra. M. do Rosário Girão Ribeiro dos
Santos
Prof. Doutor António Carlos Secchin
Dra. Ana Margarida Falcão Seixas
Prof.^a Doutora Ângela Senra
Prof.^a Doutora Teresa Seruya
Dra. Celina Silva
Prof. Doutor Francisco Maciel Silveira

Prof. Doutor Osvaldo Silvestre
Dra. Maria João Simões
Dr. Carlos Mendes de Sousa
Prof. Doutor Ivo Carneiro de Sousa
Dr. João Rui de Sousa
Prof.^a Doutora Gilda Salem Szklo
Prof. Doutor Miguel Tamen
Dr. Hélio Teixeira
Dra. Helena M. R. A. Costa Toipa
Dr. Luís Forjaz Trigueiros
Dra. Maria Luísa Urbano
Dra. Helenice Valias
Dr. Taborda de Vasconcelos
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga
Dr. Miguel Viqueira
Dr. João Conde Veiga
Prof. Doutor José Carlos Venâncio
Dr. António Ventura
Dra. Evelina Verdelho
Dr. Anco Márcio Tenório Vieira
Prof.^a Doutora Maria Helena Werneck
Prof.^a Doutora Regina Zilberman

Internacional (1979). Literatura infantil — *Bichos, Bichinhos e Bicharocos* (1950); *A Televisão da Bicharada* (1962); *Um Personagem Chamado Pedrinho* (1972, biografia de Monteiro Lobato contada às crianças); *O Companheiro* (1975); *A Amizade Bate à Porta* (1975); *Valéria e a Vida* (1976); *A Dança dos Pica-Paus* (1976); *Sete Cavalos na Berlinda* (1977); *Todas as Crianças da Terra* (1978); *Voa Pássaro Voa* (1978); *Catarina de todos Nós* (1979, a vida de Catarina Eufémia contada às crianças); *A Revolução de 1383 Vai às Escolas* (1979).

António Pedro Pita

MURAT (Luiz Barreto)

Poeta brasileiro (Itaguaí, Rio de Janeiro, 1861-Rio de Janeiro, 1929). Pertencendo cronologicamente à geração de poetas que apareceu por volta de 1880, dela distanciou-se, uma vez que negou as orientações poéticas do momento, ditas por Théodore de Banville, para abraçar as concepções artísticas de Vítor Hugo e a doutrina do místico Emanuel Swedenborg.

Possuidor de sólida cultura, foi um leitor atento de Auguste Comte, Dante, Eurípedes, Ésquilo, Homero, Platão, Shakespeare, Sófocles e Vítor Hugo, entre outros. Tornou-se bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito de São Paulo, em 1885, quando começou a advogar no Rio de Janeiro.

Tomado pelas lutas do momento, exercitou seu estro político em favor das campanhas abolicionista e republicana nos jornais da época. Porém, veio de muito cedo o seu envolvimento com a imprensa. Ainda cursando o preparatório, fundou o *Ensaio Literário* (1879), um órgão representante do Clube Literário do Curso Anexo. Mais tarde, administrou com Artur Azevedo *A Vida Moderna* (1886) e substituiu Pardal Mallet na direcção d'*O Combate* (1892).

Em 1885 estreou com o livro *Quatro Poemas*. No ano seguinte escreveu um drama — *A Última Noite de Tiradentes*, publicado, em 1890, em folhetim, na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro*. Vinte cinco anos mais tarde, ao refundir o poema, deu-lhe o título de *A Última Noite do Conjurado*. Lançou três séries de poemas, intituladas *Ondas*, sendo que a primeira veio a lume em 1890, a segunda em 1895 e, finalmente, a última em 1910. Pelo ano de 1902, apareceu *Sara*,

um livro inspirado pelo martírio e pela desolação. *Poesias Escolhidas* despontou em 1917, apresentando ao público mais de 30 anos de poesia. Três anos mais tarde, arrematando o conjunto de sua obra poética, surgiu o livro *Ritmos e Idéias* (1920), elaborado sob as bases da doutrina mística de Swedenborg. Publicou, ainda, um ensaio crítico, *Félix Pacheco* (1915), e um discurso, «Centenário de Bocage», proferido na sessão solene do Retiro Literário Português, em 1905.

Devotou profunda aversão aos poetas parnasianos e ao soneto. Então, como voz desgarrada, teve a necessidade de escrever inúmeros prefácios, que serviram de porta de acesso à sua obra, de combate à doutrina estética do momento literário e, especialmente, de esclarecimento à sua poética, que tinha por fundamento o consórcio das culturas histórica, filosófica e literária com uma ânsia espiritual decorrente da agonia e do desencanto típicos de final de século.

Descartando as composições fáceis, sonhou escrever um longo poema, algo como uma epopeia que sobrevivesse ao tempo. Não conseguindo realizar o sonho que nutria desde a juventude, tornou-se um homem de temperamento difícil. No panorama geral da literatura brasileira, apresenta-se eclipsado pela geração que tanto combatera.

BIBLIOGRAFIA: Humberto de Campos, *Crítica*, primeira série, Rio de Janeiro, 1941, pp. 429-446; Ronald Carvalho, *Pequena História da Literatura Brasileira*, São Paulo, 1968, pp. 308-309; *Discursos Acadêmicos* (1927-1932) / (1956-1959), vols. VII e XV, 1937/1969, pp. 187-223/pp. 111-136; Artur Motta, *Vultos e Livros*, São Paulo, 1921.

Armando Gens

MURATORI (Ludovico António)

Figura do Iluminismo italiano (Vignola/Módona, 21.10.1672; Módona, 23.1.1750), director de duas das mais prestigiadas bibliotecas italianas, a Ambrosiana de Milão e a Estense de Módona, foi autor de uma vasta obra que abrange os mais diversos aspectos da vida intelectual do seu tempo, da filosofia e religião à oratória, poesia, pedagogia e economia. Notável investigador, foi seu objectivo fazer entrar a Itália de Setecentos no circuito das ideias de vanguarda e coligir, interpretar

e editar os documentos a que tinha acesso graças à sua actividade e que considerava de capital importância para a compreensão do processo histórico.

Depois de ter publicado *Anedocta latina* (1697-98), o desejo de uma renovação cultural moderada, inspirada no racionalismo e no experimentalismo, leva-o a compor os *Primi disegni della Repubblica letteraria d'Italia* (1703), programa de organização do mundo intelectual; o tratado *Della perfetta poesia italiana* (1706), apologia e codificação do novo gosto antibarroco; e a primeira parte das *Riflessioni sopra il buon gusto intorno le scienze e le arti* (1708), onde reivindica para o homem de Letras um papel activo na sociedade civil pautado por normas de equilíbrio, comedimento e critérios racionais.

Outras obras de carácter interventivo em questões e polémicas da época revelam um juízo sereno e imparcial. A propósito da disputa jurisdicional entre a Santa Sé e os Este sobre o território de Comacchio, escreve a *Piena esposizione dei diritti imperiali ed estensi sopra la città di Comacchio* (1711) e o tratado *Delle antichità estensi ed italiane* (1717-1740). Este trabalho de pesquisa deu-lhe uma profunda consciência das relações entre o Estado e a Igreja, propiciando-lhe, por outro lado, um atento reexame das fontes históricas para a constituição de um corpo de informações seguras e facilmente acessíveis. Muratori aplica ao estudo da história o método indutivo que a ciência renovara e nela introduz a investigação e a análise sistemática das fontes. Curiosamente, as três obras de maior relevo compostas nesta área dedicam-se ao período menos estudado até ao momento — para a Idade Média: os *Rerum italicarum scriptores* (1723-1738), as *Antiquitates italicæ mediæ ævi* (1738-1742), e os *Annali d'Italia dal principio dell'era volgare fino all'anno 1500* (1744-1749). Foram estas obras modelares que despertaram a consciência para a importância do estudo da história pátria.

Foram igualmente estas características que determinaram a profícua recepção do seu pensamento em Portugal, que, aliás, procurou, captando as boas graças de D. João V, ao dedicar-lhe, em 1734,

as *Antiquitates italicæ mediæ ævi*, e ao intervir na questão da Jacobeia, com o *De Lusitaniæ Ecclesiæ Religione* (1747). Luís António Verney mantém-no a par da violenta réplica de M. de Ataíde Corte-Real, sob o pseudónimo de Ramiro Leite Gatade Luneira de Recidabe, *Muratori simulado, arguido com as suas mesmas doutrinas e convencido nas allegaçoens, em que se firma, principalmente nas três Bullas do Santíssimo Padre Benedicto XIV* (1747), e sai em sua defesa, tecendo-lhe rasgado elogio. Foi ainda Verney quem o informou da impugnação que contra ele escrevera Dionísio Bernardes de Moraes, sob o título de *Coruscationes dogmaticas* (1748), a que viriam juntar-se em 1750 as *Anomadversiones criticas dogmaticas*.

No campo da teorização e crítica literária, a fortuna do iluminista italiano foi por certo mais promissora. As *Riflessioni sopra il buon gusto* e, sobretudo, o tratado *Della perfetta poesia italiana* constituíram fontes abundantes da *Nova Arte de Conceitos* de Francisco Leitão Ferreira (1718-1722), dando largo contributo para a elaboração da teoria acerca do papel da fantasia e da sua conjugação com o entendimento na criação do conceito engenhoso, numa linha onde se entrevê já um significado anti-barroco.

É nesta perspectiva anti-barroca que Verney o irá aproveitar no *Verdadeiro Método de Estudar* (1746). E com tal fidelidade que em certos momentos o aproveitamento mais parece um decalque. Assim, na Carta VI, dedicada ao estudo da Retórica, é fácil reconhecer a semelhança do espírito que orienta as críticas e as directrizes reformadoras de Verney com as *Riflessioni sopra il buon gusto* de M.: no papel fundamental atribuído à Retórica com base de toda a criação literária; na valorização do conceito de «bom gosto»; na relação que estabelece entre «bom gosto» e as noções de «verdadeiro» e «útil»; na determinação do papel do «engenho» e do «juízo» como o instrumento disciplinador e regulador da aplicação do ornato retórico, entre outros aspectos.

Esta afinidade ideológica e estética entre ambos é ainda documentada por uma correspondência epistolar que conta c.

20 cartas em latim trocadas entre 1745 e 1749. Nelas, M. solicita a Verney que trabalhe para o triunfo das ideias iluministas em Portugal, e documenta-se o uso que o segundo faz das ideias, métodos e posições do primeiro sobre os problemas da actualidade: o dissídio entre o barroco e o iluminismo; a luta contra a Inquisição; a censura da imprensa; a necessidade de reformas jurídicas, pedagógicas, estéticas e científicas; a questão do «sigilismo», etc.

A presença do iluminista italiano na cultura portuguesa iria entretanto afirmar-se no contexto da polémica suscitada pelo *Verdadeiro Método de Estudar*. O jesuíta Francisco António, em *Natura et Artis Mirabilia sive Philosophia Peripatetica curiosa* (1752), não esconde a preferência dada a M. entre outros autores de reconhecida importância, no campo da Moral, enquanto no campo da literatura é Francisco José Freire (Cândido Lusitano) quem vai alargar o seu conhecimento, mediante a decisiva influência que lhe dará na difusão do conceito de «bom gosto», verdadeira pedra de toque do código estético da Arcádia Lusitana. Na sua *Arte Poética* (1748) é recorrente a citação do *Della perfetta poesia*: discordando do italiano sobre a origem do barroco (atribui-a aos italianos, enquanto M. a atribui aos espanhóis), decalca-o em questões como a precedência cronológica da escola siciliana de poesia vulgar à Provença, na preferência de um tema histórico para argumento de uma tragédia, na crítica a Molière pela deploração dos costumes depravados que seriam uma das más consequências do teatro francês e italiano, assim como na crítica à música que acompanha o teatro italiano. Na *Ilustração crítica* (1751), ao defender a existência de um bom gosto específico de cada arte e ciência, quase traduz as *Riflessioni sopra il buon gusto*, enquanto, para estabelecer as três espécies de engenho, segue o *Della perfetta poesia*. Dessa mesma fonte tira também a doutrina referente às relações do engenho com a fantasia e o juízo; estabelece uma clara definição do conceito de «bom gosto», seus fundamentos e regras, bem como toda a teoria da metáfora.

Igual conhecimento e aproveitamento

das teorias muratorianas revela António Dinis da Cruz e Silva, ao formular a sua doutrina estética, sobretudo na *Dissertação sobre o estilo das Éclogas*, recitada na Arcádia em 30.9.1757.

Igual aproveitamento se verificou na renovação das regras específicas da parentética cristã que viriam a definir um pretenso «método francês de pregar». É neste âmbito que a sua leitura não esteve ausente do *Verdadeiro methodo de pregar* de Fr. Manuel da Epifania (1759), o mesmo acontecendo, curiosamente, com os seus contendores na polémica subsequente, em especial na *Palestra da oratória sagrada* de Fr. Manuel de Figueiredo (1759). Por sua vez, no plano da criação literária e, mais especificamente, no campo da bibliografia retórica aconselhada, Frei Manuel do Cenáculo recomenda, entre outros, as *Riflessioni sopra il buon gusto* para defender que a teoria parentética seja o resultado da simbiose meditada entre inovação e tradição, autoridade e razão.

No contexto teórico do neoclassicismo português, M. assume, pois, um lugar incontestado e perdurável. Testemunho dessa popularidade é ainda o apreço que mereceu a Jerónimo Soares Barbosa, que o inclui no grupo dos Modernos indispensáveis na bagagem literária do homem culto e que dele traduziu as *Excelências da eloquência popular* (1959). José Caetano de Mesquita e Quadros, nos *Apontamentos sobre o estudo da Rhetorica* (Cód. 143, fls 13-78 da BGUC), seguindo a lição de M. e Verney, refere o iluminista italiano no escasso grupo dos Modernos que merecem especial atenção, pugnando embora por uma tentativa de compromisso entre Antigos e Modernos. E ao abordar as relações da Retórica com a Poesia segue de muito perto o *Della perfetta poesia*.

Só com a viragem do século, M. deixaria de oferecer a base para dissertações acerca das teorias neoclássicas no campo da teoria literária. Continua, todavia, a fazer sentir a sua influência no âmbito da historiografia. Alexandre Herculano, na pesquisa sistemática e rigorosa que leva a cabo nesta área, revela ter apreendido a sua lição, quer quanto à atitude do historiador, quer quanto ao método utilizado,

ao uso das fontes ou à recolha de informações empreendida nos *Portugalia Monumenta Historica* (1856-1873).

BIBLIOGRAFIA: Álvaro J. da Costa Pimpão, *Um plágio de Francisco José Freire (Cândido Lusitano)*, Coimbra, 1947; Aníbal Pinto de Castro, *Retórica e Teorização Literária em Portugal. Do Humanismo ao Neoclassicismo*, Coimbra, 1973; António Alberto de Andrade, *Muratori em Portugal*, in., *Diário da Manhã*, 25/XII/1956, pp. 10 e 22; id., *Verney e a Cultura do seu Tempo*, Coimbra, 1966; G. Carlo Rossi, *A Literatura Italiana e as Literaturas de Língua Portuguesa*, Porto, 1973; L. Cabral de Moncada, *Estudos de História do Direito, Vol. III. Século XVIII — Iluminismo Católico*. Verney: Muratori, Coimbra, 1950.

Manuel Ferro

MURICI (José Cândido de Andrade)

Ensaísta e crítico brasileiro (Curitiba, Paraná, 4.12.1895-Rio de Janeiro, 4.12.1984). Membro da Academia Paranense de Letras. Estudou na Univ. do Paraná e, depois, na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, onde se formou em 1919. De 1923 a 1925 permaneceu num sanatório na Suíça. Fundou a Academia Brasileira de Música, onde exerceu a função de professor de História da Música e Estética Musical. Ocupou o cargo de director do Teatro Municipal (1952). Foi, também, crítico de música do *Jornal do Comércio* e professor do Conservatório Nacional de Canto Orfeónico. Alguns dos seus textos de crítica musical foram reunidos em *Caminho de Música* (1946) e *Villa Lobos, Uma Interpretação* (1961).

Colaborou nos jornais *A Folha* e *A Tribuna* e fundou as revs. *América Latina e Festa*, esta última com participação fundamental dos elementos simbolistas no modernismo brasileiro. Escreveu as narrativas *Sonata Pagã* (1913) e *A Festa Inquieta* (1926). Sua obra crítica encontra-se reunida nos volumes *Alguns Poetas Novos* (1918), *Emiliano Pernetá* (1919), *O Suave Convívio* (1922), *Silveira Neto* (1925), *À Sombra das Araucárias* (1959). Publicou, também, *A Obra Póstuma de Emiliano Pernetá* (1926).

Aluno de Emiliano Pernetá e Dario Veloso, seu nome aparece ligado ao simbolismo. Contra a corrente crítica de Sílvio Romero, e na esteira das ideias do amigo Nestor Vítor, coube a ele o papel de organizar o material simbolista, em arquivo que foi legado à Fundação Casa

de Rui Barbosa. Sua síntese foi publicada na obra *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro* (1952), que é fundamental para o conhecimento desse período no Brasil. A antologia crítica realizada pelo autor é acompanhada de largo ensaio sobre o movimento, e a amostra de produção de cada poeta vem precedida de pequeno estudo, em que se procura examinar a dimensão estética da obra. Ligado, portanto, à corrente que busca observar o fenómeno literário à luz da estética, o crítico tem posição de destaque no panorama de estudo da literatura no séc. xx, apresentando-se como fonte de referência segura para os estudiosos do simbolismo.

BIBLIOGRAFIA: Afrânio Coutinho, *Brasil e Brasileiros de Hoje*, 1961.

Rosa Gens

MUSA

Tanto a *Iliada* como a *Odisseia* dirigem, no primeiro verso, uma invocação à Musa (que o primeiro dos poemas chama simplesmente «deusa»), para que celebre o tema que está a ser proposto. Os *Poemas Homéricos* contêm outras invocações semelhantes, mas a mais explícita é a do começo do *Catálogo das Naus*, que contrasta a onisciência das M. com as limitações do conhecimento do poeta («pois vós sois deusas, estais presentes e tudo sabeis, ao passo que nós só ouvimos o que diz a fama, e nada vimos» — *Iliada*, II.485-486). As M. formam um coro que acompanha a lira de Apolo, deus da poesia e da música, *cantando alternadamente, com a sua bela voz*, no banquete dos Olímpicos com que termina o canto I da *Iliada*. A mais antiga referência ao seu número (se considerarmos *Odisseia*, XXIV. 60-61 uma interpolação), bem como aos seus nomes, consta do próemio da *Teogonia*, de Hesíodo (53-115), onde se diz que são nove, filhas de Zeus e de Mnemósine («a Memória») e se lhes atribuem nomes falantes (Clio é a que confere glória; Euterpe a que causa deleite; Talia refere-se ao ambiente festivo; Melpómene à melodia; Terpsícore à dança; Érato ao desejo de ser ouvida; Polímnia à pluralidade de cantos; Urânia ao carácter celestial; Calíope à bela voz). Este catálogo das M.,